

# ביתנו

Boletim Informativo Kv. Meiasim Sto. Amaro

*Distribuição Interna*

ANO 1 - JULHO DE 1950 - Nº 1



EDITORIAL

Aqui estamos nós, a Kvutzá Mefalsim de Santo André, com o nosso jornal. É verdade, que já não era sem tempo. A nossa kvutzá existe há mais ou menos um ano e até agora ninguém ou quasi ninguém ouviu falar sobre nós. Pois, saibam que existimos e com uma grande vontade de continuar a existir. A finalidade deste jornal é entrar em contacto com os nossos chaverim não só do Snif São Paulo, mas também com os do ishuv de Santo André.

Um dos motivos porque ainda não nos tínhamos apresentado por meio de um jornal periódico era a reestruturação da kvutzá e a con-gragação de nossas forças para realizar algo de produtivo e de duradouro. Sim, tivemos de recomeçar, unindo-nos para iniciar nosso caminho chalutziano. A kvutzá tinha-se, por assim dizer, desagregado. Muitos deixaram de comparecer às Assefot, outras mesmo aparecendo não se interessavam sobremodo e, entramos em período de decadência. Parapora um paradeiro a isto só havia um meio - recomeçar. Foi o que fizemos.

As nossas relações com os chaverim do Snif, eram nulas, dado o afastamento geográfico de nossa kvutzá e também a falta de interesse por parte dos chaverim. Começamos a comparecer ao Snif, às Assefot, começamos a tomar parte da vida do Snif. Havia mesmo aqui, falta de compreensão dos chaverim sobre a nossa finalidade. Começamos a interessar-nos mais, fazer tiulim, participar na vendados produtos daxx Hachshará, etc. Como agora estamos mais equilibrados e com a base mais sólida, iniciamos nossa vida normal de kvutzá.

Este jornal não passa de um avoz que dirá franca e abertamente o que pensamos e o que queremos realizar. Por meio deste discutiremos o que consideramos certo e o que nos julgamos errado. Enfim, esperamos apresentar as nossas experiências no caminho chalutziano que ora trilhamos.

BASHAAR - no umbral, exprime o que queremos fazer. Dentro em breve passaremos para a shichvá avodá (resolução esta que agora chegou) - o ultimo degrau e o mais difícil antes de entrar na Hachshará. Estamos mesmo na porta que se abre para a realização máxima das nossas aspirações: HACHSHARÁ E ALIÁ.

J.G.

C H A V E R I M !

A INAUGURAÇÃO DO 1º KINUS CHINUCHI DO MOVIMENTO, FATO INÉDITO NA AMÉRICA LATINA, SERÁ A EXPRESSÃO MÁXIMA DA FORÇA ORGANIZADA QUE REPRESENTAMOS. COMPAREÇAM TODOS, UNIFORMIZADOS, QUINTA FEIRA, DIA 20, NO SALÃO NOBRE DA ESCOLA CAETANO DE CAMPOS.



### A SITUAÇÃO DA KVUTZÁ

Como, aliás, já tiveram o ensejo de ler em nosso editorial, a situação da kvutzá Mefalsim de Santo André era instável e por vários motivos, também já expostos, poderíamos considerá-la uma kvutzá anormal. O Vaad escolhido provisoriamente revelou-se, semão incapaz, pelo menos caduco. Carecíamos acima de tudo de força de vontade. Isto não impediu a realização de trabalhos importantes na venda de produtos da achshará. Das cebolas chegadas aqui em caminhão, diretamente do Kibutz, não sobrou uma. Quanto aos tomates o mesmo se deu. O trabalho foi bem realizado, considerando que em um ishuv de 65 famílias, conseguimos vender 300 kilos. Mas, se nos trabalhos esternos a kvutzá ia bem, em compensação por dentro tudo ia mal.

Com a troca de kadrich e com novas forças, recomeçamos o trabalho, e, se ainda nos falta muito para a "kvutzá ideal" pelo menos nos estamos fortificando e estabilizando nossa base. A nossa excursão ao Pico do Jaraguá poderia ser considerada um sucesso. Saímos de tem às 7,00 horas, escalamos o pico, tivemos sicha, discutimos problemas relacionados com os fundamentos de nossas ideias voltamos a pé até Pirituba, um pouco cansados, mas cheios de entusiasmo! As assefot de realizam agora com mais frequência. Maior número de chaverim se interessam pelo movimento e seus problemas, nos ltnocai debates e trocas de ideias com grande proveito para todos.

Temos agora o jornal. Queremos por meio deste explicar aos nossos chaverim e ao Ishuv de Santo André os nossos ideais pelos quais trabalhamos; qual é o nosso objetivo e quais são os caminhos que nos trilhamos para alcançá-lo. Sabemos que estamos no início de uma estrada, uma umbral de uma porta que se abre para Eretz. Esta estrada é uma subída íngreme, esta porta é um umbral rustico; mas chegando ao fim da estrada, passando a porta, estamos em casa ... para então recomeçarmos o árduo trabalho da construção.

Um grande problema com que nos defrontamos é o de um local para reuniões. Estamos-nos-reunindo ora em casa de um, ora em casa de outro. Queremos estender nossas atividades aos nossos irmãos menores, mas para isto necessitamos de um local fixo de reuniões. Este problema deve ser encarado com seriedade, principalmente pelo ~~xxm~~ ishuv de Santo André, se é que ele está interessado na manutenção da continuidade judaica de suas crianças.

Esta é em resumo a posição e a situação da kvutzá.

Maurício.

A T E N Ç Ã O

A T E N Ç Ã O

ISHUVIM DE Sto. ANDRÉ e S. CAETANO

Quinta feira, dia 20 do corrente, às 20 horas em ponto, realizar-se-á, no Salão Nobre da Escola Caetano de Campos, sito à Praça da República, S. Paulo

a INAUGURAÇÃO SOLENE do 1º KINUS CHINUCHI  
(Congresso Educacional) do MOVIMENTO DROR DO BRASIL.

Todos estão convidados!

Compareçam pontualmente!

SIONISMO E JUDEUS

(Ao ishuv de Sto. André)

Nas linhas que se seguem tentaremos analisar a situação do Galut nos últimos anos. Analisaremos a posição da coletividade judaica e, principalmente, de sua juventude.

Quando o mundo emergiu da última grande guerra, após o trágico período de Hitler, a força das câmaras de gás e a luz das labaredas dos crematórios e dos guettos crepitantes, os judeus, que até então não conseguiram ser persuadidos pela força da pena e pela ação dos Borochovs, Gordons, Sirkins, dos chalutzim enfim, - ficaram convictos que de fato a solução do problema judaico é a formação do Estado Nacional Judaico. Então, enquanto permanecia o domínio britânico, enquanto o assunto era tema preileto da ONU, em consequência do entusiasmo reinante os shlichim eram muito bem recebidos e as campanhas um sucesso. Quando apareceu o primeiro sheliach da então ilegal HAGANA, este foi recebido como parte integrante do próprio ser de cada judeu. Todos estavam se preparando para ir a Eretz, o hebraico tornou-se língua procurada, os filhos eram mandados para procurar organizações sionistas, as caixinhas do K.R.L. eram enchidas, o dinheiro era dado mesmo com relativa facilidade.

Mas logo veio a guerra árabe-israeli. Esta, se de um lado colava os corações judeus ao rádio e aos jornais que lhes transmitiam as últimas notícias de lutt, por outro, começavam arrefacer seu ânimo: a guerra não é nada agradável. Daremos algum dinheiro para auxiliar nossos irmãos em Israel, mas nossos filhos devem se formar (se já estão formados-adquirir prática) - em outros termos - que outros caíam defendendo a "nossa" nobre causa para que nós possamos sair, no segundo dia, à rua a bater-nos o peito: "Os judeus!" "Nós estamos vencendo!" "Viva Israel!"

E terminada a luta, ficou patente a crise econômica em que Israel estava envolvido, mostrando-se claramente a dura realidade: não é fácil a yidanim país em reconstrução, onde todo o pioneirismo é indispensável. Neste breve período de tempo, os nossos judeus tornam-se ou contra, ou amargamente pró, collocand-se numa posição amargamente apática ao movimento em Geral. A desculpa: já temos o que queríamos, existe já o Estado Judaico. O sionismo não terá teor ricamente, no momento, grande numero de opositores. A maior parte do ishuv, no entanto, comporta-se diante dele com uma grande indiferença, o que em última análise, equivale.

E a juventude? Esta procura, por sua parte, evitar toda e qualquer por assim chamada "complicação". Preferiu ela permanecer em sua ilusória "boa situação transitória", permanecendo em sua clássica atividade morta, destituída de todo e qualquer centro de interesse, mantendo-se no mais puro ambiente de futilidade. Não possui a consciência, da qual é dotada sua minoria, de sua força juvenil. Dedicam-na a atividades senis. Não possui o espírito de luta, de combate por alguma ideia, são arrastados pela corrente criada na sociedade de seus pais - JUVENTUDE MORTA.

Mas aí do povo que facilmente esquece sua HISTÓRIA. Oxalá se-jamos maus profetas quando preyemos para breves dias o resurgimento de um novo Hitler para o próprio judaísmo americano. A má situação econômica e consequentemente a situação psicológica e política internacional não o dificultariam. Só então é que os nossos prezados judeus se lembrarão novamente de sua "pátria Israel", mas então que sabe já seja muito tarde.

(Cont. na pg. 9)

O ESTUDO NA SOCIEDADE BURGUESA

O atual modo de estudar na sociedade burguesa se deve a uma correlação de fatos históricos que devem ser apreciados sob o seu prisma econômico, fatos estes, que derivam da introdução do sistema econômico capitalista no século XIX.

Sabemos que em todas as sociedades européias de então, com o desaparecimento do regime feudalista, aparece o capitalismo representado pela burguesia. Os antigos senhores feudais, com o acúmulo de dinheiro, abrem indústrias e continuam em boa situação. O trabalhador do campo, querendo melhorar sua situação, vai para a cidade, formando-se aí o proletariado.

Com os judeus, não acontece exatamente o mesmo. Antes do sistema capitalista os judeus são pequenos comerciantes, administradores, arrendatários, intermediários, etc. Contudo, apesar dessas diferenças econômicas, existe entre eles grande unidade, devido à igualdade religiosa. Com o advento do capitalismo, aparece também entre os judeus uma grande burguesia: são os antigos indivíduos mais abastados - inicia-se uma diferenciação entre esta classe, no va em seu caráter psicológico para o judaísmo, e os judeus mais pobres. A maioria dos judeus não estava em posição muito boa: os que moravam no campo, vindos a grande cidade, não encontravam trabalho nas indústrias: os industriais judeus não os aceitavam para poderem ocultar a sua origem judaica (o que lhes parecia importante em sua campanha para a conquista dos mercados); e em outras indústrias eles não são aceitos por motivos vários iniciando por sua debilidade física em relação aos camponeses e terminando em questões nacionais e religiosas.

A grande massa judaica volta-se, então, às ocupações anteriores a sua saída do gueto, quais sejam: alfaiates, padeiros, açougueiros, sapateiros. É o artesanato judeu. Esta situação permanece com pequenas diferenças até o século XX, quando por super-saturação deste estado econômico e conseqüente super-miseria de um lado e as perspectivas oferecidas por países em estado de desenvolvimento por outro, os judeus começam a imigrar para as Américas, para a África e mesmo para a Austrália e Nova Zelândia. Cria-se a psicose de "fazer a América" (Machun Amerike).

Nos novos centros permanece a desigualdade entre as classes abastadas e a grande massa judaica. Os primeiros, por possuírem muito dinheiro mandam seus filhos para as Universidades. A grande massa que, tornando-se comerciante, consegue enriquecer com relativa facilidade, cria uma psicose: ter alguém no seio da família que seja doutor (DOCTOR). Mandam seus filhos aos cursos de medicina, engenharia, outros mesmo para advocacia - não querem que seus filhos voltem a ser artesãos ou proletários. A profissão liberal torna-se honrada, o artesanato eu o proletariado - desvirtuado.

No momento atual, em que estamos diante de uma realidade que é Israel, a situação permanece a mesma. Por outro lado, parodiando o acertado dizer de Sirkin, o Estado de Israel só poderá sobre viver com o socialismo. E dentro do socialismo chalutziano estabelecemos novas escalas de valores. Não avaliamos o indivíduo pelo seu título mas por que ele realmente vale. Um bom pedreiro vale muito mais que um mal médico e tanto quanto um bom engenheiro. Ambos são indispensáveis à erecção do Estado. A juventude judaica, uma vez conscia de seu dever como tal, não hesita muito para compreender sua real função. Sabe perfeitamente do que Israel necessita e não tem receio de abandonar suas comodas universidades, não qual foram de boa vontade ou compulsoriamente colocados pelos pais para se prepararem o mais rapidamente numa profissão necessária a

A ATUAL SITUAÇÃO DE ERETZ ISRAEL

O artigo que se segue tem por fim mostrar, muito resumidamente a situação em que se encontra Eretz e a atitude de muitos judeus com referência a Aliot.

Os problemas de Eretz como de muitos países poderiam ser analisados sob o ponto de vista econômico, geográfico ou político, se bem que em nossa Eretz tenhamos também o ponto específico - Político Social, isto é: a necessidade de imigração sem seleção de elementos - capazes ou negativos, inválidos ou anormais, etc.

Naturalmente não se pode num breve artigo de jornal de Lvubzá abordar um assunto tão complexo como é a situação de Eretz.

É sabido que a situação de Medinat Israel, presentemente, não é das melhores. Não há judeu no mundo que não o saiba, mas é possível que haja muitos judeus que não saibam porque e que a mesma não está boa e é exatamente isto isto que procurarei expor neste artigo. Para começar não devemos esquecer que Eretz Israel emergiu ainda há pouco de uma guerra tremendamente desigual, que veio lhe agravar ainda mais a péssima situação em que já se encontrava antes dela. Os ingleses, seguindo sua tradicional política de sufocamento econômico dos povos que queria conquistar, aplicou-a a Israel que apenas nascia, arruinando enormemente a economia do país antes de te-lo deixado. Terminada a guerra com os países árabes pode-se avaliar, num ligeiro levantamento, a crise em que Israel ficou. Ela aí está diante de nossos olhos. Vencemos uma batalha tremenda contra um inimigo superior em tudo: armas e número, mas a crise econômica também tem de ser vencida, da mesma forma, para a nossa sobrevivência como nação.

Pergunta-se: o governo encabeçado pelo MAPAI tem-se saído satisfatoriamente desta dura prova? Tem ele enfrentado o problema com a devida inteligência e energia? Para nós que somos jovens e nos iniciamos no chalutzianismo pertencendo à Organização Juvenil Sionista DROR e nos guiamos ideologicamente pelo MAPAI, tão bem como para todo aquele que se dispõe a analisar friamente o problema, a orientação do governo não poderia ser outra. O governo está fazendo tudo que está no campo da possibilidade para equilibrar a situação. O mana, hoje, já não cai do céu e as guerras não se ganham com milagres: os milhares de jovens que tomaram na luta de libertação fazem uma falta tremenda ao país.

Quem se der ao trabalho de analisar como cuata a um país pobre em recursos naturais como Eretz, a absorção de imigrantes que chegam mensalmente ao milhares, imigrantes que vem da Europa trazendo na mente os terrores dos campos de concentração. Judeus que já se desacostumaram do trabalho, tendo de ser tratados psicologicamente, tanto pais quanto filhos, e principalmente os filhos. Judeus que vem dos países árabes, fracos e desnutridos, também não são elementos com os quais se possa contar para uma rápida readaptação no país. Essas levas sucessivas de imigrantes de todas as origens e diversidade de costumes, acarretou graves problemas ao país que necessita importar quase tudo: alimentação, material de construção, maquinarias, etc. O governo tem feito verdadeiros milagres neste sentido, por não se julgar no direito moral de abandonar a política de KIBUTZ GALUTIOT, mas resta ainda muito por fazer. Como exemplo, estamos lendo agora nos jornais de um transporte de 100.000 judeus iraqueanos para Eretz. As despesas com a transferência, alojamento, alimentação e educação custam milhões de libras ao governo, e estas despesas são ainda aumentadas pela necessidade da manutenção de um exército efetivo, pois a atual situação política em face com os países árabes, assim nos obriga. Não podemos ficar desprevenidos para a eventualidade de um segun-

(Cont. na pg. seg.)

A atual situação...

(Cont. da pg. anterior)

do round.

Aí, pois, temos em breves linhas um apanhado gerã sobre a situação econômica de Eretz, situação que está sendo enfrentada, repito mais uma vez, mas não podemos e não devemos esquecer que o Governo sozinho não pode arcar com todo o seu peso. Todo judeu no Galut tem sua parcela, sua quota de sacrifício sem o qual será muito difícil continuar.

As aliot chalutzianas, aliot que mais interessam ao país, tantas vezes reclamadas por Ben Gurion, acham-se praticamente exgotadas na Europa, restando a América do Sul como maior baluarte de onde deverão partir bons milhares de chalutzim que irão colonizar e construir Eretz Israel livre e socialista.

Triste espetáculo se nos oferece atualmente, triste e vergonhoso, judeus que vão a Eretz e retornam, judeus que vão sem conhecer a situação, sem estarem predispostos a passar privações, judeus sem espírito nem consciência nacional. Voltam, fegem de novo para o succulento panelão de carne, para o maravilhoso e atraente Galut. Alguns ainda com o seu cinismo burguês criticam tudo: governos, país, clima, enfim, tudo que possa justificar-lhes a atitude. Outros, menos cínicos e hipócritas, confessam simplesmente que não estavam preparados para sacrifícios, que ainda não precisam de Eretz, confessam o fracasso de sua aventura - não se pode "fazer Israel" como se "fazia a América".

Eretz precisa dos jovens! Jovens livres em seu pensar e afastados do espírito enclausurado do velho guetto judeu. Eretz precisa de uma forte alia chalutziana para se fortalecer economicamente e para apressar o seu regime de socialização, para atingir integralmente a sua Independência Política e sua Independência Social.

Michel.

Sionismo e judeus...

(Cont. da pg. 6)

É esta nossa advertência ao ishuv judaico e à sua juventude!

Oxalá não seja muito tarde!

Zmani.

O estudo na sociedade...

(Cont. da pg. 7)

profissionalização, base fundamental da vida por ela escolhida, a vida chalutziana, a vida do movimento kibutziano em Eretz Israel. Só estudam as profissões liberais aquelas que o coletivo achar que de vergão fazê-lo por suas reais vocações. Mas é bom não confundir vocação com vontade de estudar inerente a maioria dos jovens.

Cumpra-nos demonstrar-isto a nossos pais e seguir nossa linha para contribuímos com nosso direito esforços, para o Estado Judeu Socialista em nossos dias.

Samuel.